

# PERSPECTIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.

Jan/Fev 2022

Número #001

# Intro.



A ideia de chegar até vós num formato mais pensado, mais próximo da minha forma de sentir e pensar a fotografia, há muito ecoa no meu pensamento. Colocar em prática aquilo que se sente nem sempre é mais fácil, mas também é aquilo que, conversa após conversa, incito quem está por perto a fazer.

O motivo desta revista é o mesmo de sempre: partilhar ideias, mostrar o que ando a fotografar, oferecer-vos a oportunidade de participar naquilo que ando a fazer. O objectivo? Ser verdadeiro comigo mesmo e perseguir aquilo que incito os outros a fazer: trabalhar a nossa arte. Mas também, inspirar-vos a ir mais além, através do exemplo de alguém que, tal como vocês, é apenas uma pessoa normal. Como lia noutro dia, a arte é feita por pessoas comuns, que podem passar a vida inteira no anonimato e que produzem obras que ninguém vê ou que não se refletem no gosto de ninguém. Na verdade, nada disso importa (ou deveria importar) para um artista. O mais importante é fazermos. É colocar cá fora aquilo que somos. É sermos honestos connosco próprios e vivermos essa realidade da forma mais genuína. E se o fizermos, teremos atingindo uma das mais extraordinárias realizações do ser humano: a materialização da criatividade.

Este primeiro número serve também para marcar o encerramento da minha página de Facebook. O porquê disso está contado no artigo [Coração Selvagem](#). A partir de agora, “seguir-me” será um ato consciente e não o resultado do acaso e do desenrolar de uma página web. Têm de vir à minha procura, da minha fotografia, dos entrevistados que vou partilhar convosco, das histórias por detrás das minhas imagens e de tudo o resto que me lembre e que mereça ser posto diante dos vós. A interacção continuará sempre que se justifique e são livres para me contactar por e-mail, por telefone, por mensagem rápida, sempre que vos apeteça. Ou podemos demorar-nos num jantar após uma sessão de campo. Tudo em prol do que nos une: Fotografia, Arte e Natureza.

Esta revista é editada por Luís Afonso.

A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanece com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

[www.luisafonso.com](http://www.luisafonso.com)

© Luís Afonso, 2022

# Conteúdos

## 01

p. 3-19

ENTREVISTA  
**Luís Afonso**

Para começar, nada como usar uma entrevista publicada recentemente para me apresentar a todos vós.

## 02

p. 20-22

PONTO DE VISTA  
**Coração Selvagem**

Neste artigo, apresento algumas das minhas preocupações sobre usarmos as redes sociais para aumentar a nossa cultura visual.

## 03

p. 23-32

NO TERRENO  
**Frio. Como o gelo**

Na mais recente visita à Serra da Estrela, tive que responder à questão do que fotografar quando a natureza parece apostar em gelar a nossa criatividade.

## 04

p. 34-36

POR DETRÁS DA IMAGEM  
**Ocaso na Floresta, Gerês (2020)**

O que é que um grande mestre da pintura universal e um pequeno fotógrafo de natureza português podem ter em comum?

## 05

p. 37-39

DA MINHA ESTANTE  
**Ernst Haas, A Criação**

Existe algum livro que tem de estar na estante de qualquer apaixonado por fotografia de natureza? Sim, *A Criação*, de Ernst Haas.

## 06

p. 40

BLOCO DE NOTAS  
**Luís Afonso**

Toma nota do que me vai manter ocupado nos próximos tempos e das oportunidades que iremos ter para fotografar ou aprendermos juntos.

# Luís Afonso.



# Luís Afonso.

Amor à primeira vista. Nesta conversa, publicada no número 63 da revista *Fuji X Passion* (setembro de 2021), Luís Afonso desvenda-nos um pouco do seu percurso como fotógrafo de natureza, desde o equipamento que utiliza à visão que preconiza no uso desse equipamento.

**Obrigado, Luís, pela tua disponibilidade para esta entrevista. Poderias, por favor, começar por te apresentar aos nossos leitores?**

Sou um fotógrafo de natureza português. Vivo em Oeiras, junto ao mar, muito perto do parque natural de Sintra-Cascais. Esta jornada começou há cerca de vinte anos, após a minha licenciatura, durante um estágio na Áustria. Senti que precisava de uma ferramenta para captar a beleza do mundo ao meu redor e acabei por ali comprar a minha primeira câmara, uma Canon EOS 500N. Nos primeiros tempos, no final dos anos 90, os meus assuntos favoritos eram a arquitetura e a fotografia de rua. Adorava o pulsar das grandes cidades e as pessoas que nelas viviam. A relação das pessoas com a cidade sempre me

proporcionou infinitas oportunidades fotográficas. Em 2005, quando o meu primeiro filho nasceu, senti que não tinha mais tempo, nem energia, para me aventurar pelas ruas - a fotografia de rua pode ser muito desgastante do ponto de vista emocional - e decidi voltar-me para a natureza. Sempre estive muito ligado à natureza, desde a minha juventude, e foi como um regresso, desta vez com uma câmara nas mãos. Desde 2007 dedico-me exclusivamente à fotografia de paisagem e natureza.

**O teu caminho na fotografia foi semelhante ao de muitos de nós, começando com uma câmara analógica, depois uma dSLR APS-C e, finalmente, adquirindo uma dSLR full-frame. E como quase todos, jogando numa das duas equipas, Canon ou Nikon, certo? Poderias**

**contar-nos um pouco da tua história e os diferentes equipamentos que usaste até mudares para “mirrorless”?**

Como já referi, a minha primeira câmara foi uma Canon EOS 500N. Não porque soubesse o que estava a comprar. Foi mais um resultado do acaso, do que da razão. Era simplesmente a opção mais atraente da loja a que fui em Viena. Eu sabia que a Canon era uma marca de referência, por isso comprei com confiança. Essa simples escolha foi responsável por um compromisso de longo prazo com a marca. Depois dessa primeira câmara analógica tive várias outras da Canon: analógica (EOS 3), compacta digital (G2), APS-C (300D, 30D, 7DmkII) e *full-frame* (5DmkII e mkIII). A Canon foi a primeira marca a introduzir uma dSLR no

mercado e a velhinha 300D foi muito importante no meu percurso. Foi a primeira câmara digital “como de ser” que tive, lembrando a velha 500N no corpo e nas opções, mas com um cartão digital de 1GB, em vez de um rolo de filme analógico. Também me lembro da primeira câmara *full-frame*, a EOS 5DmkII, uma ferramenta realmente fantástica que ainda é capaz de captar fotografias maravilhosas. Atualmente não tenho qualquer equipamento Canon, mas não tenho quaisquer reservas em dizer que é material muito bom. Nunca me decepcionou em mais de 20 anos de uso constante.

**A tua primeira experiência com uma câmara sem espelho da Fuji resultou em alguns sentimentos contraditórios. Importas-te de nos contar sobre esse primeiro contacto com a X-Pro1 e os principais aspectos que gostaste e não gostaste nela?**

O meu primeiro contacto com a Fujifilm deu-se em abril de 2015. Estava à procura de uma câmara pequena que pudesse levar para a rua. Desde 2010 que liderava alguns workshops e precisava de uma máquina para as sessões de fotografia de rua. Uma que não fosse tão imponente como a minha dSLR Canon. Descobri a X-Pro1, com o seu design retro e contactei a Fuji Portugal para a experimentar. Sempre foram muito prestáveis comigo e, em resultado dessa produtiva conversa, levei comigo uma XPRO-1 numa viagem a Londres

com um grande amigo, também apaixonado por fotografia e, em especial, fotografia de rua. Achei que a capital britânica seria o lugar ideal para voltar a fotografar pessoas na cidade. Na verdade, fiquei com alguns sentimentos contraditórios quando regressei de Londres, sentimentos que coloquei por escrito no meu blog, num artigo intitulado “[Amor à primeira vista](#)”. Mas gostei muito da experiência. Especialmente da qualidade da objectiva (XF35 f/1.4R), do design da câmara e da capacidade de alterar todas as configurações de exposição através de ajustes físicos. Foi bom voltar a sentir-me bem a fotografar pessoas e isso foi muito importante. Mas a primeira iteração do sistema X tinha as suas falhas: o sistema de foco automático era muito lento, especialmente se usasse o visor óptico. O visor também precisava de uma melhor implementação, pois era muito difícil compor e ver com precisão o que o sensor iria registar. Mas a qualidade das objectivas e a ergonomia da câmara agarraram-me e alguns meses depois comprei minha primeira câmara Fujifilm: a brilhante X-T1.

**Embora nem tudo tenha sido perfeito na primeira experiência com a Fuji, a verdade é que uma X-T1 chegou à tua mochila. E como tão bem escreves no teu blog, mudar para mirrorless é um "caminho sem retorno". Quais foram os motivos que te levaram a mudar de forma permanente para o sistema X da Fuji?**

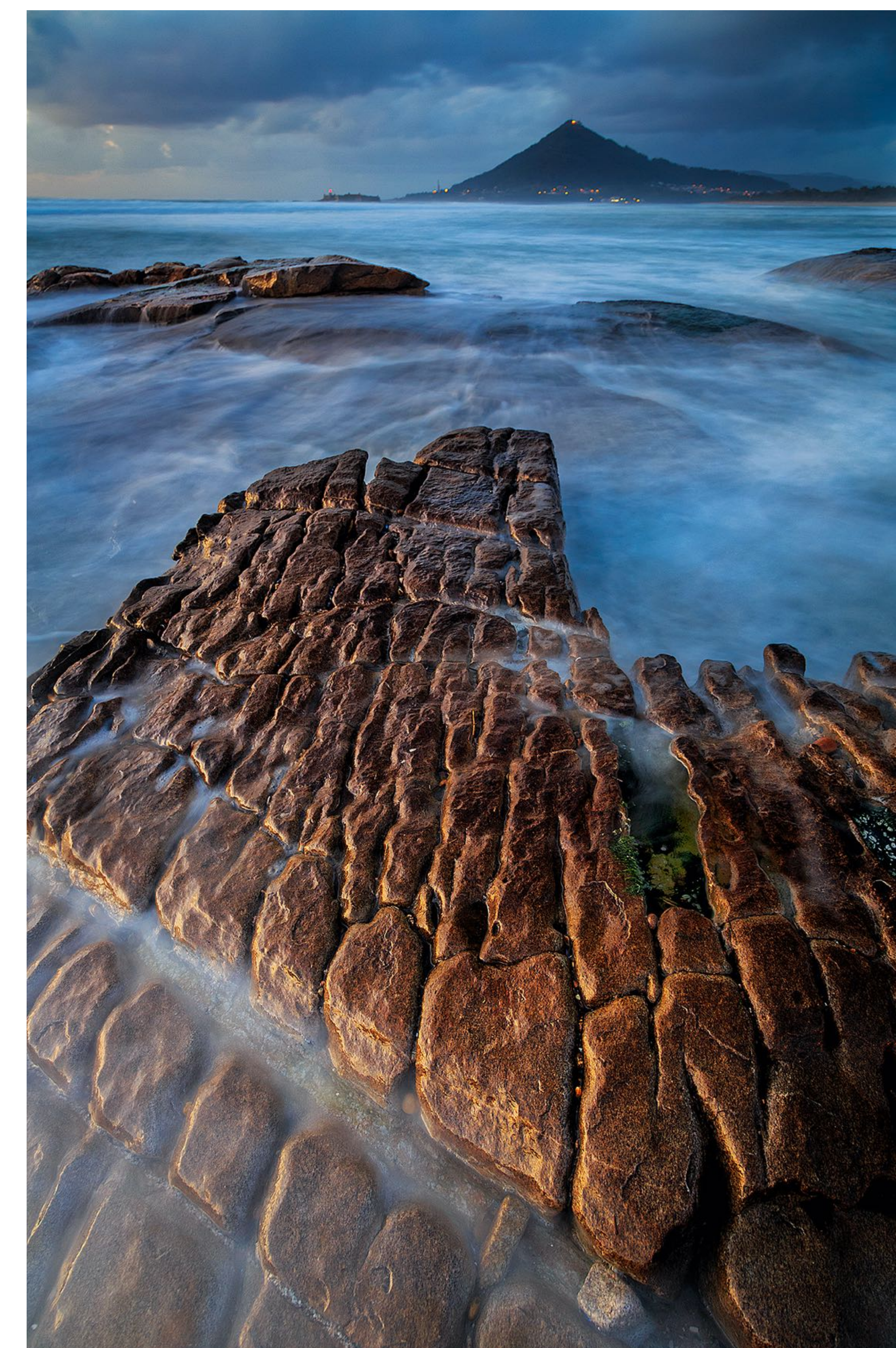
Pag. seguinte:

1/160s a f/5.6, ISO 800, 360mm (539mm full-frame)

21.06.2019 17:47

8s a f/8, ISO 400, 24mm (full-frame)

26.03.2016 19:14

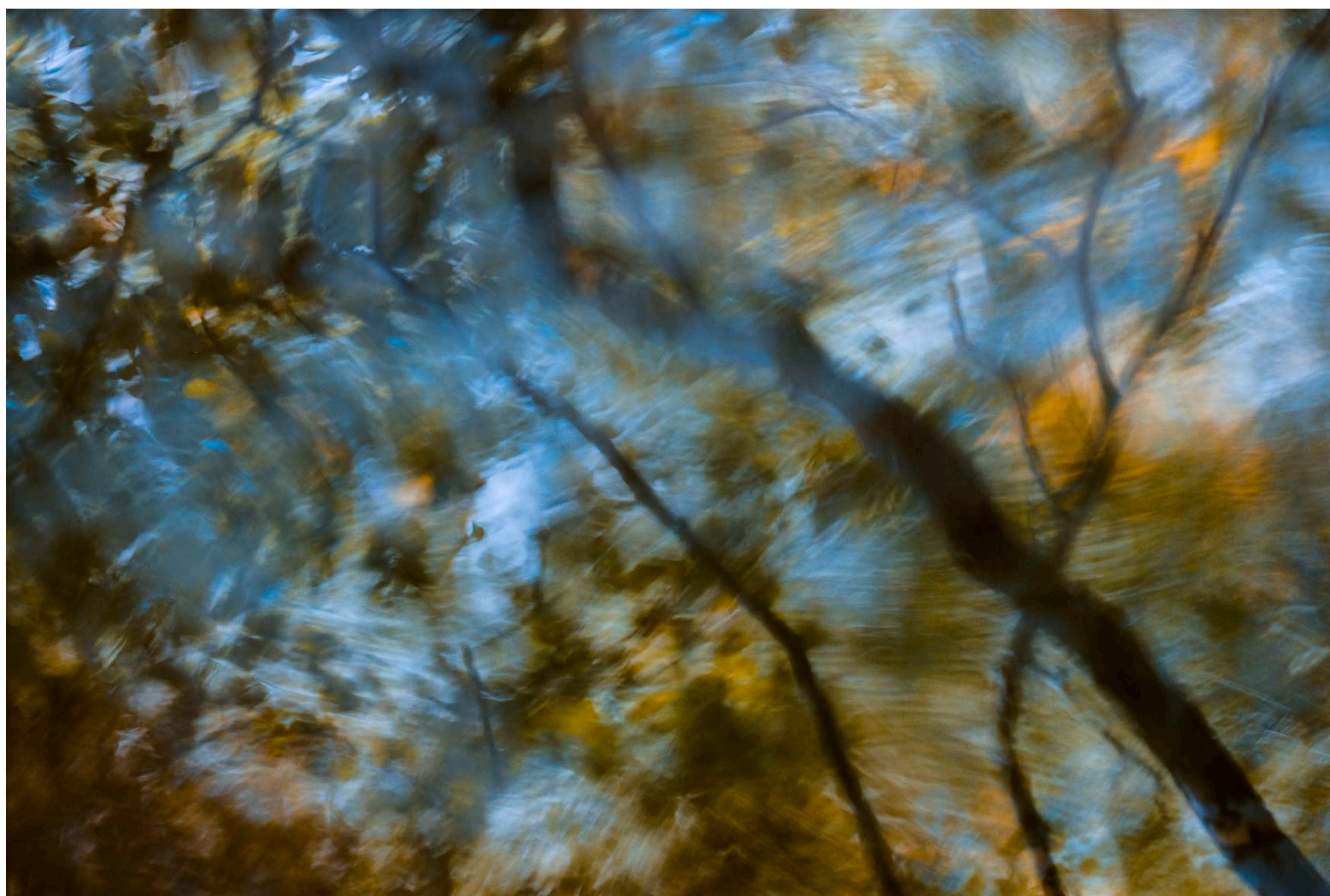


Existem várias razões e a primeira descobri, recentemente, quando peguei novamente na dSLR de um amigo. Até nem tem nada a ver com a Fujifilm: fotografar com um sistema *mirrorless* é outra coisa. Ter a capacidade de perceber, no momento da captação, como a imagem vai realmente ser gravada no sensor, não tem preço. Não é preciso continuar a confiar, por exemplo, num botão de visualização de profundidade de campo, que sempre se

revelou inútil, em cálculos de medição de luz ou histogramas, quando podemos ver, na realidade, como a fotografia vai ficar quando premimos o botão do obturador. Pelo menos, o sistema X da Fuji dá-me essa confiança. Comecei a fotografar de maneira diferente. Não exponho mais à direita, coisa que sempre orientei os meus alunos a fazerem. Fotografo o que estou a sentir, quanto vejo a materialização desse sentimento em tempo real no visor da

câmara. Acho que é uma maneira mais ligada e mais emocional de usar uma câmara digital.

Mas o sistema X da Fuji tem os seus próprios méritos e são eles certamente os responsáveis por eu ter abraçado esta nova marca. Posso imprimir (e faço-o constantemente) fotografias em grande formato, posso fotografar a ISOs elevados com resultados perfeitos e posso levar minha câmara para todo o lado sem ter de pensar nas minhas costas. Na minha opinião, o APS-C é o melhor compromisso entre qualidade de imagem e portabilidade. Com a Fuji, tenho a melhor qualidade de imagem (mesmo em comparação com os sensores *full-frame*) sem carregar o peso das minhas dSLRs antigas. E não é só o peso, é também o espaço que ocupam. Para uma pessoa que está sempre em movimento, às vezes durante várias horas no terreno, isso é muito importante. E depois, temos a qualidade das objectivas e as várias opções disponíveis. Na minha opinião (com base na minha própria experiência) as objectivas Fujinon estão a par com as melhores do mercado. Não encontro qualquer diferença, em termos de qualidade, entre uma objectiva Canon, de anel vermelho, e as lentes Fujinon de distâncias focais semelhantes. Ambas são excelentes e produzem óptimos resultados. Mas a Fuji traz consigo três vantagens cruciais: são mais pequenas, mais leves e mais baratas. Factores muito importantes para mim. Para partilhar convosco um exemplo, eu consegui



vender todo o meu equipamento usado Canon por metade do preço e comprar equipamento Fuji novo com esse mesmo dinheiro. Isto foi muito importante quando decidi mudar de sistema.

Mas, para resumir, os motivos são: qualidade da imagem, custo, portabilidade e variedade de escolha em objectivas de qualidade.

**Qual é a tua configuração actual de equipamento e como é que as escolhas que fizeste foram influenciadas pelo tipo de fotografia que fazes com mais frequência?**

Actualmente tenho duas câmeras: X-H1 e X-T4. Tenho uma ampla gama de objectivas, de 14mm a 100-400mm. Três delas são zoom e quatro são prime (distância focal fixa), incluindo a macro XF80mm. Claro que as objectivas foram adquiridas com base no tipo de fotografia que faço. As objectivas aterram na minha mochila sempre com base em necessidades reais e não em G.A.S. (síndrome de aquisição de equipamento). Não sou o tipo de pessoa que compra tudo (nem tenho dinheiro para isso) e, assim sendo, todas as minhas objectivas seguem um propósito. Costumo privilegiar o uso de lentes zoom e a XF18-55 (para mim, a melhor lente de kit do mercado) e a XF100-400 são as que uso com mais frequência. Costumo privilegiar um olhar mais íntimo sobre a paisagem e, por essa razão, raramente uso uma grande angular.

**Natureza e vida ao ar livre estão presentes em todo o teu portfólio. Ainda te lembras do momento em que decidiste concentrar-te principalmente na fotografia de paisagem?**

Sim, foi em 2007. Ainda me lembro da minha primeira sessão de fotografia de paisagem. Estávamos em março de 2006 e experimentava, pela primeira vez, uma objectiva ultra grande angular que tinha adquirido recentemente. Depois dessa, muitas outras sessões se seguiram, com mais equipamento, como filtros, tripés ou disparadores remotos. Foi tempo de me aprofundar na fotografia de paisagem natural. Sentia-me bem na natureza e comecei também a visitar a casa dos meus pais na província com mais frequência, por isso foi perfeito. Sendo pai de uma criança de um ano, parecia a coisa mais sensata a fazer. Precisava mesmo de escapar da cidade com mais frequência e a fotografia de natureza era a desculpa perfeita.

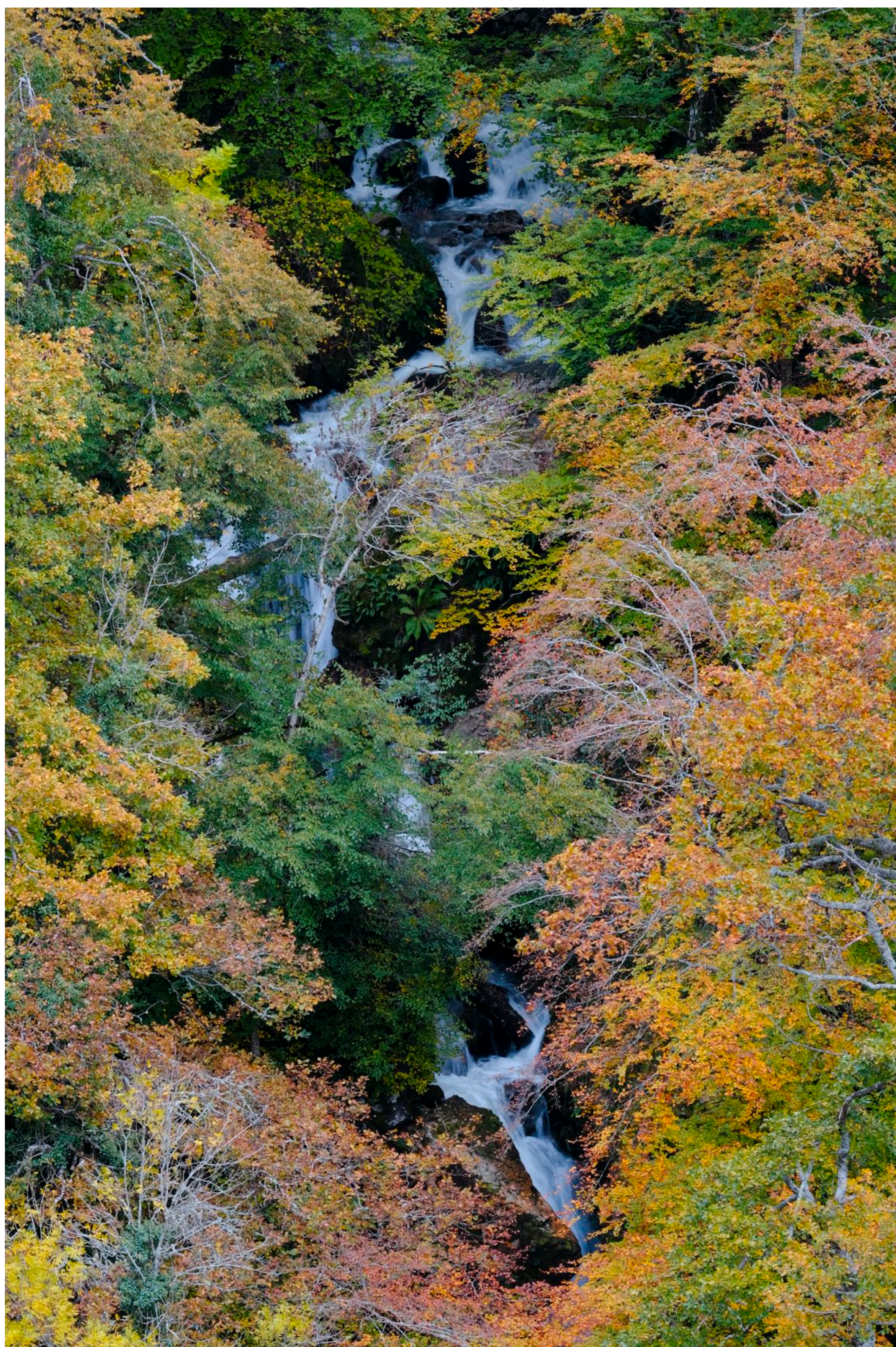
**Ao contrário da maioria dos fotógrafos de paisagem, que procuram fotografar quase exclusivamente durante as horas douradas, notamos que procuras captar a cena à tua frente da melhor maneira possível, independentemente da hora do dia. Na nossa opinião, isso é extremamente libertador, pois não condiciona a atividade do fotógrafo a apenas dois curtos períodos de tempo durante o dia. Do teu ponto de vista, é tudo uma questão de**

**aprender a avaliar e entender a luz disponível e tirar o maior proveito dela?**

Absolutamente. Existem vários tipos de luz e cada um deles é mais adequado para alguns assuntos do que para outros. Se fotografarmos apenas nos dois extremos do dia, estamos a perder muito do que a natureza tem para oferecer. Costumo dizer que se amamos alguém, amamos sempre e não apenas quando ele ou ela está vestido ou vestida para uma festa ou um jantar romântico. Eu amo a natureza e ela fala comigo em vários momentos do dia (ou da noite), em diferentes condições climáticas, de diferentes pontos de vista. Para mim, é uma benção descobrir os nossos lugares - e eles tornam-se nossos porque estabelecemos uma relação com eles - ao longo do dia, ver como a luz os transforma e nos faz descobrir as suas várias faces e humores. Acho que é tudo uma questão de experiência e maturidade. Ainda me lembro quando a neblina, chuva ou céu limpo eram sinais de "stop" para a minha fotografia. A verdade é que as fotografias mais interessantes e únicas podem surgir nessas condições e serão sempre uma resposta mais genuína aquilo que estamos a sentir.

**No seguimento da pergunta anterior, quando estás na natureza com o propósito único de fotografar, o que desperta a tua atenção? O que te faz agarrar na câmara e tirar uma foto?**





1/13s a f/11, ISO 160, 133mm (199mm full-frame)  
24.10.2020 15:06

Pag. seguinte:  
1/400s a f/11, ISO 200, 400mm (600mm full-frame)  
26.01.2019 10:37

Esta é uma pergunta difícil de responder, acho que para todos nós. Quando as imagens fluem das nossas emoções, não é fácil explicar o porquê. Mas sou atraído por vários estímulos estéticos e intelectuais, e esses são mais fáceis de explicar e compreender. Por exemplo, adoro padrões e procuro-os ativamente na natureza. Combinações de cor também, especialmente cores complementares que possam produzir composições impactantes. Como formador em fotografia, leio muito sobre teoria da composição e isso também me ajuda muito quando estou no terreno. Mas, na maioria das vezes, gosto de deambular pelos lugares em que gosto de estar, e tento encontrar elementos que despertem uma resposta emocional em mim. E quando isso acontece, ando um pouco à volta do sujeito, explorando-o de diferentes pontos de vista. Quando encontro um que tem potencial para resultar numa boa composição, monto o meu equipamento e só saio do local quando tudo estiver como quero. Eu verifico sempre a imagem, no visor electrónico, sem qualquer distração (removo todas as informações do ecrã) para garantir que a imagem está perfeita. Os visores da Fuji são excelentes e eu gosto muito da imersão que eles proporcionam, preferindo confiar no EVF e raramente usando o ecrã traseiro (na minha X-T4, acho que nunca o virei para ser usado no terreno).

Mas também gosto de experimentar. Gosto de fazer múltiplas exposições na câmara (a X-T4 é óptima para isso) ou brincar com o ICM

(Movimento Intencional da Câmara). Uma das coisas que mais gosto nas câmaras da Fuji é que elas nos permitem ser bastante criativos. São pequenas, leves, como uma extensão do nosso olhar e isso faz-me querer explorar.

Na minha opinião, as câmaras devem ser ferramentas potenciadoras de fotografia criativa, incitando-nos a sair e a explorar. Eu gosto mesmo de estar ao ar livre com a minha câmara. Na maioria das vezes, quando estou perto de casa, levo apenas a câmara e uma objectiva, numa bolsa pequena, e desato a “inventar”. É uma experiência realmente libertadora que eu não poderia fazer, tão facilmente, com meu antigo sistema dSLR. Havia sempre uma mochila para carregar...

### **De todos os lugares que fotografaste, quais os consideras mais memoráveis?**

Eu tenho uma relação especial com os lugares. Não sou aquele tipo de fotógrafo de paisagem que sonha em fotografar nas maravilhas do planeta. Se olharem para o meu portfólio, não irão ver fotografias da Islândia, Patagônia ou de qualquer um desses lugares icónicos. Eu prefiro fotografar em lugares que significam algo para mim, lugares com os quais me possa relacionar, lugares a que possa regressar várias vezes. Vivo num país lindíssimo e Espanha (outro país maravilhoso) está ao virar da esquina quando quero fotografar o único habitat que não temos em Portugal: alta

montanha. Não preciso de nenhum outro lugar para, através da fotografia, poder expressar o meu amor pela paisagem e pela natureza. A minha fotografia, espero, diz mais sobre mim do que sobre os lugares. Mais sobre a forma como olho para eles e como me relaciono com eles. Foi com base nisso, que publiquei o meu primeiro livro de autor, no ano passado, justamente chamado *Casa*. É um livro sobre quatro dos lugares que abrigam a minha fotografia. Eles moldaram quem eu sou, como a minha fotografia evoluiu e como comecei a fotografar outros lugares. É uma viagem íntima. Assim, se tiver de referir alguns locais, posso referir esses quatro: Covão d’Ametade, no parque natural da Serra da Estrela, Moledo do Minho, uma praia no norte de Portugal com vista para Espanha, Polje de Mira-Minde, um das mais importantes lugares cárnicos da Europa e Porto Santo, no arquipélago da Madeira. Todos lugares pequenos na sua geografia, mas enormes na inspiração que sempre proporcionam à minha fotografia.

**De entre todas as fotografias que vais acrescentando ao teu portfólio, fazes sempre questão de escolher uma pequena seleção para imprimir. Porquê imprimir em casa em vez de num laboratório, e o que é que aprendes cada vez que fazes uma impressão?**

Sempre gostei de imprimir. Para mim, uma impressora é um equipamento essencial, como uma câmara, um computador ou um bom



monitor. Desde 2004 que tenho impressoras fotográficas em casa e sempre imprimi o meu trabalho. Imprimir em casa permite-nos entender melhor como a cor funciona nas nossas imagens, o que é importante num preto e branco, como a luz é tão importante numa boa composição e que elementos têm real predominância numa imagem. Olhar para uma impressão, por incrível que pareça, é muito diferente de olhar para uma fotografia no ecrã

do computador. Ficamos imersos na imagem e só tu decides quando sair. Não é tão fácil, nem tão imediato, quanto fazer deslizar a imagem para cima, como num *smartphone*.

Normalmente vemos coisas (pequenas falhas, pontos de luz brilhantes, textura...) que não vemos antes no monitor. É como se a imagem ganhasse vida. E, de fato, é somente quando imprimimos que a fotografia se torna física.

E isso é muito gratificante, ver a materialização das nossas emoções.

O mais interessante é que a impressão também nos ajuda no momento de fazer a fotografia, de a captar digitalmente, tornando-a melhor e mais precisa. É um ciclo sem fim, como toda a aprendizagem deve ser.

Portanto, o meu conselho é que se imprima, em casa ou num laboratório. Quando preciso imprimir formatos maiores do que minha impressora é capaz, uso um bom laboratório. E o bom disso é que também construímos uma relação com o laboratório e com as pessoas que lá trabalham. Tenho bons amigos no laboratório que utilizo em Lisboa e eles ajudam-me muito com a minha própria impressão.

Para saber mais sobre o Luís Afonso, pode consultar o seu website ([www.luisafonso.com](http://www.luisafonso.com)), de onde pode depois navegar para as suas várias presenças na web.

Em setembro de 2021, Luís Afonso criou o projecto *The Print Circle* que pretende fomentar o gosto pela fotografia impressa em papel na comunidade de fotógrafos portugueses. Se ainda não conhece o projecto, que permite a troca de impressões entre todos, faça uma visita ao sítio da web [printcircle.pt](http://printcircle.pt).

Pag. 12:  
1/250s a f/8, ISO 1600, 560mm (840mm full-frame)  
28.08.2018 19:12

Pag. 13:  
1/1250s a f/8, ISO 200, 400mm (600mm full-frame)  
03.11.2018 08:09

Pag. 14:  
1/1600s a f/8, ISO 200, 80mm (121mm full-frame)  
12.01.2020 09:38

Pag. 15:  
0,4s a f/16, ISO 100, 235mm (352mm full-frame)  
05.05.2018 20:30

Pag. 16:  
1/80s a f/4, ISO 200, 91mm (136mm full-frame)  
04.06.2020 19:39

Pag. 17:  
1,3s a f/16, ISO 50, 80mm (full-frame)  
28.03.2016 12:11

Pag. 18:  
1/100s a f/8, ISO 200, 105mm (full-frame)  
27.12.2017 11:17

Pag. 19:  
0,4s a f/16, ISO 200, 100mm (150mm full-frame)  
28.04.2018 19:03

# **Luís Afonso.** Portfolio.



















# Coração Selvagem.

Better to write for yourself and have no public, than to write for the public and have no self. ~ Cyril Connolly

As redes sociais vivem à custa da imagem: da imagem que as pessoas pretendem passar delas e do mundo e das imagens que as pessoas partilham enquanto passam a imagem que pretendem mostrar delas e do mundo. Parece complicado, certo? E é-o, pois qualquer meio que sobreviva à custa das aventuras e desventuras do ser humano é sempre complexo.

A mais famosa das redes sociais foi criada com base na imagem. Quem não se lembra da cena do filme *A Rede Social* de 2010, onde o jovem Zuckerberg, interpretado por Jesse Eisenberg, faz upload de umas imagens de alunos da escola para posteriormente serem postas ao escrutínio da comunidade. A ditadura do “gosto”, espalhada pelas mais diversas

plataformas - virtuais e reais -, implantou-se como um vírus nas nossas vidas e é difícil fugir dela, quer sejamos produtores ou consumidores de imagem.

Zuckerberg não é um génio, nem foi ele o inventor da rede social. Mas ao simplificar o processo de julgamento e ao permitir que, de uma forma simples e rápida, todos possamos ser actores principais desse julgamento, fez com que a vida de todos nós, em especial dos mais influenciáveis, se tornasse mais pobre. Mesmo que pensemos o contrário, tal é o poder que nos é oferecido para participar na vida dos outros. É como se vivêssemos num “Prós e Contras” eterno, com livre trânsito para falarmos sempre que quisermos.

Experimentem navegar 5 minutos pelo vosso facebook. Contem esse tempo enquanto eu espero. Repararam na mediocridade das imagens que passam no vosso mural e na falta de envolvimento que as mesmas produzem? Agora sigam a vossa vida por mais 15 minutos longe do computador. Lembra-se de algo relevante que aqueles 5 minutos trouxeram à vossa vida? É preciso estar muito farto de andar para cima e para baixo no facebook, instagram e afins para fazermos a nós próprios estas questões e, no que a mim me diz respeito, eu estou bastante.

Embora não tenha sido dos primeiros a aderir ao facebook, tenho-o usado com alguma constância nos últimos anos, em especial para partilhar alguma da minha fotografia e aquilo

que faço à volta dela. Por essa razão, o meu perfil pessoal raramente é utilizado para partilhar conteúdos, concentrando essa publicação na minha página como fotógrafo. Mas embora os conteúdos sejam partilhados na página, sou “obrigado” a participar na comunidade, não como o Luís Afonso fotógrafo, mas como o Luís Afonso do perfil pessoal. Como é óbvio, o Luís Afonso vive para além da fotografia e é complicado aceder a um mundo virtual onde todos os meus universos se encontram misturados.

Deixando de lado esta parte mais pessoal e concentrando-me exclusivamente na fotografia - que é isso que interessa nesta revista - tenho usado o facebook nestes últimos tempos para manter contacto com outros amigos, para descobrir novos fotógrafos, para acompanhar as pessoas que passam pelas minhas acções de formação e passeios, para perceber que eventos existem perto de mim e para, claro está, partilhar a forma como a minha fotografia vai caminhando e divulgar algumas iniciativas que vou lançando. Tal como a publicação deste artigo.

Em tudo isto, olhando para trás e fazendo um reflexão mais ou menos consciente, há um sentido de perversão que não me agrada minimamente e à qual tenho tentado fugir nos últimos tempos ao ponto de, hoje em dia, poucas vezes me apetecer abrir o Facebook, pois sei que o que vou encontrar é o mesmo de

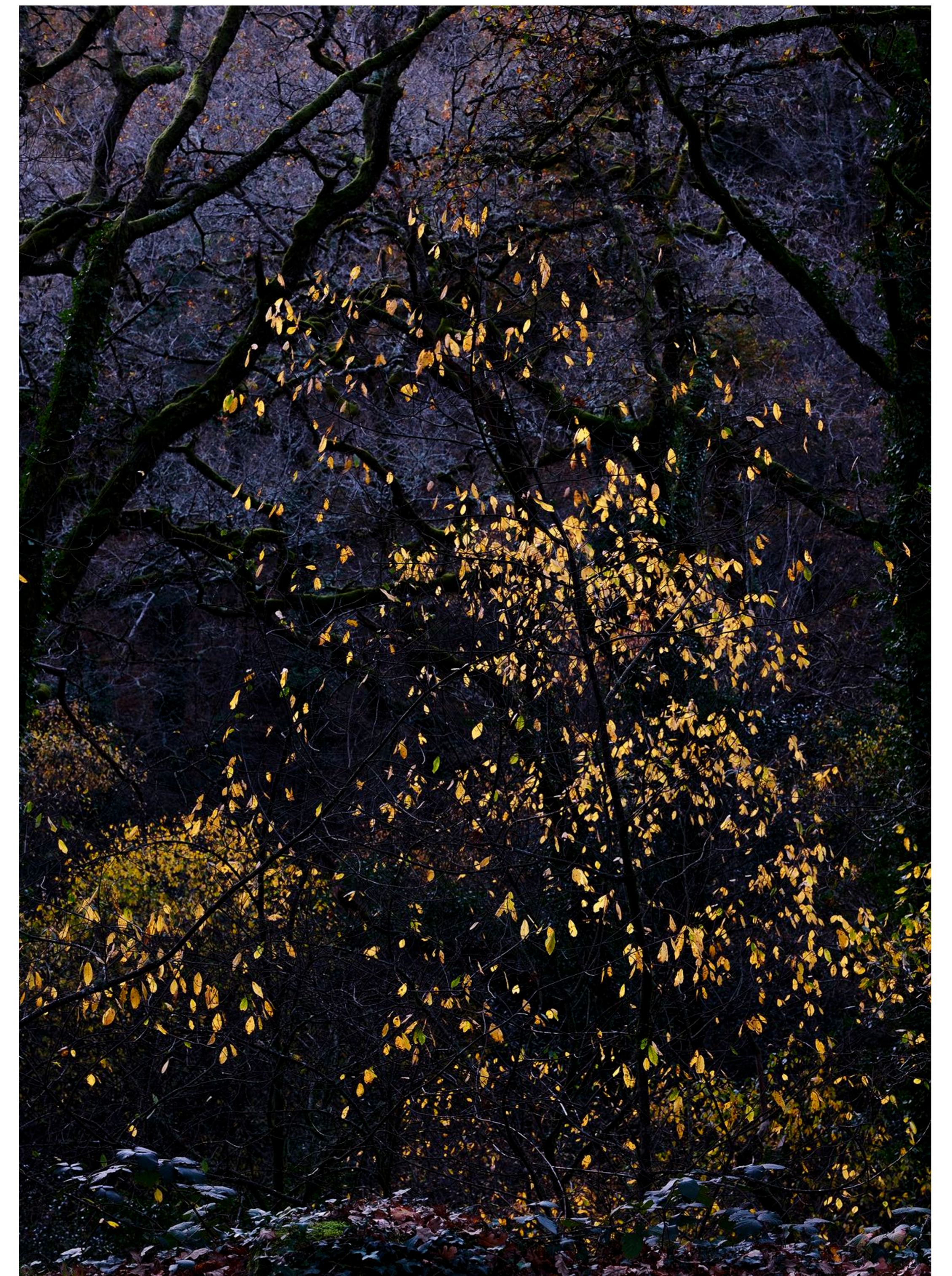
sempre... E é contra este mesmo de sempre que alguém que, como eu, olha para a fotografia como um meio de expressão artística, deve lutar.

Hoje em dia, comercial e pessoal são adjectivos que habitam o mesmo espaço. As pessoas são levadas a querer aquilo que os outros querem que elas queiram, pensando que o que elas querem são escolhas pessoais.

Os *likes*, *retweets*, *pulses* e seguidores são preço, moeda e valor de tudo o que se passa à nossa volta, fotografia incluída. O valor de uma foto mede-se em *likes* - e infelizmente, nunca em *dislikes* -, a popularidade dos locais a fotografar em valores de 1 a 5 (no google maps), mesmo quando fora da bolha ninguém nunca ouviu falar do criador de tais fotografias ou dificilmente se entenda o porquê de se classificar estes locais e o que essa classificação significa. Os locais, desculpem, os *spots*, são escolhidos pelo número de likes que podem gerar e quantos mais conseguirmos percorrer num dia, mais oportunidades teremos de ser populares, de sermos o *Photographer of the Day*, de colocarmos bandeira em mais uma tribo de seguidores.

Eu falo por experiência própria. Há 10 anos atrás, quando as primeiras redes sociais ligadas à fotografia foram criadas, também eu esperava junto do botão de *refresh* pelos *likes* e comentários às minhas fotografias. Era assim

10s a f/8, ISO 200, 52mm (78mm full-frame)  
19.11.2020 17:30



que funcionava no [Trekearth](#), a primeira comunidade onde participei. No 1000imagens, a primeira comunidade portuguesa ligada à fotografia, fazia-se o concurso da melhor do dia e enquanto não colocasse a minha fotografia no topo da pirâmide nunca podia ostentar o título de fotógrafo.

Tudo isto tem um preço. A fotografia que produzimos passa a ter o objetivo de agradar aos outros, de seguir o que é popular, de ser um hino à mediocridade. E se alguns tomam consciência disto e abandonam a prática da fotografia como se de um concurso diário se tratasse, a maior parte vive indiferente e deixa-se enganar de forma mumificada, pensado que o que está a fazer é fruto da sua individualidade quando é exatamente o contrário aquilo que norteia a “sua criação”.

A maximizar toda esta surdez está o facto de as próprias marcas usarem este *status quo* para expandirem a sua pegada. Hoje em dia usam-se os fotógrafos mais populares para divulgar os seus produtos. Antigamente, usavam-se os melhores. Actualmente não é preciso ser bom para se ser embaixador de uma marca, basta ser-se popular. E o mais grave de tudo isto é quando quem segue acha que ser popular é sinónimo de qualidade.

**Quando uma marca usa um adolescente, com milhares de seguidores no youtube, que nada tem a acrescentar de valor à**

**cultura de um povo, como a bandeira de uma marca, está tudo dito.**

A sociedade em que vivemos, em que vive a nossa fotografia, está reduzida a uma realidade em que comércio e superficialismo habitam o mesmo espaço. É mais barato pagar a um popular *copycat* do que a um editor de fotografia. É mais barato oferecer-se um tripé a um fotógrafo popular e esperar pela sua “crítica justa” do que pagar a uma empresa de comunicação para promover a marca. E quando se paga, é a própria empresa de comunicação a procurar no facebook a quem deve oferecer o tripé... Há um défice de curadoria em todas as áreas, pois esta curadoria implica sabedoria e a sabedoria custa dinheiro. Os editores de fotografia estão a desaparecer das redações das revistas e jornais e até as publicações de referência estão a entrar no mundo do populismo e da recompensa fácil. Procurem, por exemplo, pelo editor de fotografia da edição portuguesa da revista National Geographic ou do jornal Observador e quando os encontrarem enviem-me o contacto para lhes fazer umas perguntas.

Quem tem a perder com esta realidade somos todos nós, apaixonados pela fotografia. Pela boa fotografia que se produz, também em Portugal, e que está cada vez mais ausente dos sítios onde estão a maior parte das pessoas.

Querem um conselho? Deixem de a procurar nas redes sociais e procurem-na em locais onde há editores, criadores e pessoas que vivem e pensam a fotografia, longe da teia de mediocridade das redes sociais. Compre livros, conversem com os loucos que teimam em manter livrarias especializadas, consultem os sítios dos autores que admiram e estejam atentos a quem aponta defeitos à vossa “fotografia do dia”. E desliguem os *smartphones*, saindo de casa para fotografar sem ideias pré-concebidas de produzir mais um cliché. Adaptando a famosa frase de Cyril Connolly, substituindo o verbo escrever por fotografar, “é melhor fotografares para ti próprio e não teres qualquer público, do que fotografares para o público e não teres um eu próprio”.

**Frio.  
Como o gelo.**



# Frio. Como o gelo.

Não chove desde meados de Dezembro. E, mesmo assim, o que choveu, não dá para encher uma banheira. Os níveis de seca são preocupantes, inclusive a nível criativo. A fotografia que faço depende do clima e da forma como ele abraça a natureza. Não havendo chuva, não há água, não havendo água o terreno está seco e sem vida.

Num destes fins-de-semana de janeiro decidi, num impulso, ir até à Serra da Estrela e, mais precisamente, a uma das minhas segundas casas: a vila de Manteigas. A ideia era, como sempre, ir até ao Covão d’Ametade. Os planos, quer de pensamento, quer de enquadramento, começaram a surgir na minha mente, tal é a relação que tenho com esse lugar. Mas a realidade é sempre diferente daquilo que

imaginamos e é desse equilíbrio entre o que é verdadeiro e o que a nossa imaginação consegue criar que nascem as obras de arte, ou para ser mais claro, as nossas fotografias.

Desta vez, o Covão não quis nada comigo. Naquele início de tarde, mesmo fazendo um esforço para me alhear da quantidade de pessoas que lá estavam, havia pouco ou nada que estimulasse a minha veia criativa. Tal como tantas vezes acontece quando encontro um lugar cheio de gente, o que eu queria era sair dali rapidamente. Mas não era só a multidão que me preocupava. Era também a secura com que o terreno se encontrava, estéril de qualquer elemento reconfortante para a minha alma.

Esperei que chegasse o meu anfitrião, o meu

caro amigo e fotógrafo Miguel Serra, e resolvemos sair para locais mais altos. O nosso objetivo era só um: procurar gelo.

Não é a primeira vez que fotografo gelo. Os que de vocês têm o meu livro *Casa*, conseguem encontrá-lo no capítulo dedicado ao Covão. Mas já não o fazia desde 2015.

Tinha sido uma semana em que muitas fotografias de gelo passaram pelos meus olhos, principalmente pela visão de amigos. Como sempre, uso aquilo que vejo para saber o que não preciso de repetir e foi com essa ideia em mente que parti à conquista do frio e do gelo.

O que é que estas imagens, novas e antigas, me dizem? Para ser sincero, muito pouco. Não sou uma pessoa que goste muito de gelo, fora do copo de gin. Prefiro a neve e o frio e a água nos outros estados (líquido e gasoso). Mas sou capaz de ver três coisas essenciais: texturas e padrões, algo que sempre me apaixona, seres de outros universos (ou do próprio, como o “meu” pinguim) e um elemento perfeito para ser usado com cores contrastantes. Para além da componente estética, sinto que não consigo passar muita emoção através destas imagens. Posso estar enganado - e vocês são livres para me corrigir, usando os meus contactos para trocarem impressões comigo -, mas sinto falta de mais orgânica neste material tão duro. Culpa do artista, claro está, mas muitas destas imagens são apenas frias. Como o gelo.



A primeira vez que fotografei gelo foi em março de 2010, em pleno maciço central da Serra da Estrela, na zona das Salgadeiras. Corria o tempo das grandes angulares, do interesse no primeiro plano, nos céus carregados e nas linhas condutoras a emprestar profundidade à composição.

Hoje, certamente, não captaria esta imagem da mesma forma. O extenso plano intermédio, com pouco interesse, e a leveza da elevação no segundo plano, sem o necessário protagonismo, indicam-me que outra distância focal teria sido o mais acertado para captar esta mesma cena. Uma que reduzisse o plano intermédio, aumentasse a escala da montanha lá atrás e reduzisse esta rocha amarela aqui na frente ao seu peso real, ou seja, o de uma pequena pedra. A cor e a forma já lhe dão protagonismo suficiente, não precisa do tamanho desproporcionado em relação aos demais elementos.

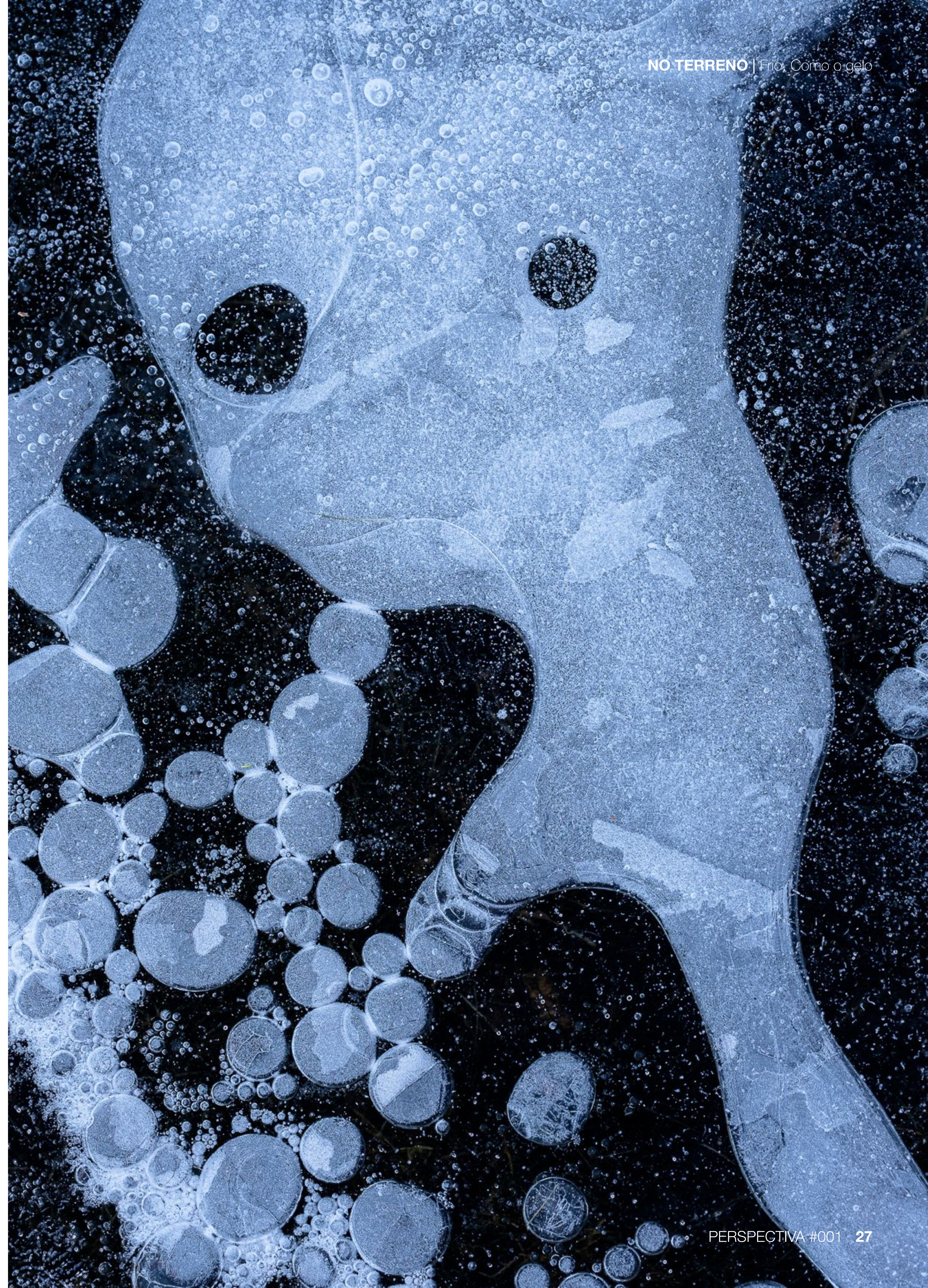
0,3s a f/22, ISO 100, 17mm (full-frame)  
23.03.2010 18:13



Todos sofremos de pareidolia, uns mais do que os outros. Tenho confessar que a minha é aguda, pois eu vejo rostos em todo o lado. Mas o que é a pareidolia? Nada de grave, apenas um fenómeno sensorial que representa uma colisão entre a nossa capacidade de reconhecer padrões de uma forma extremamente rápida e a nossa empatia por caras, sejam humanas ou de outros animais. Os rostos, como um bebé pode facilmente demonstrar, são ímanes para todos nós. Na fotografia (e nas artes-visuais), as faces são elementos de composição com um peso enorme, roubando, quase sempre, a atenção de quem vê para esse ponto, em especial para a zona dos olhos. Conseguem ver as faces nestas duas imagens?

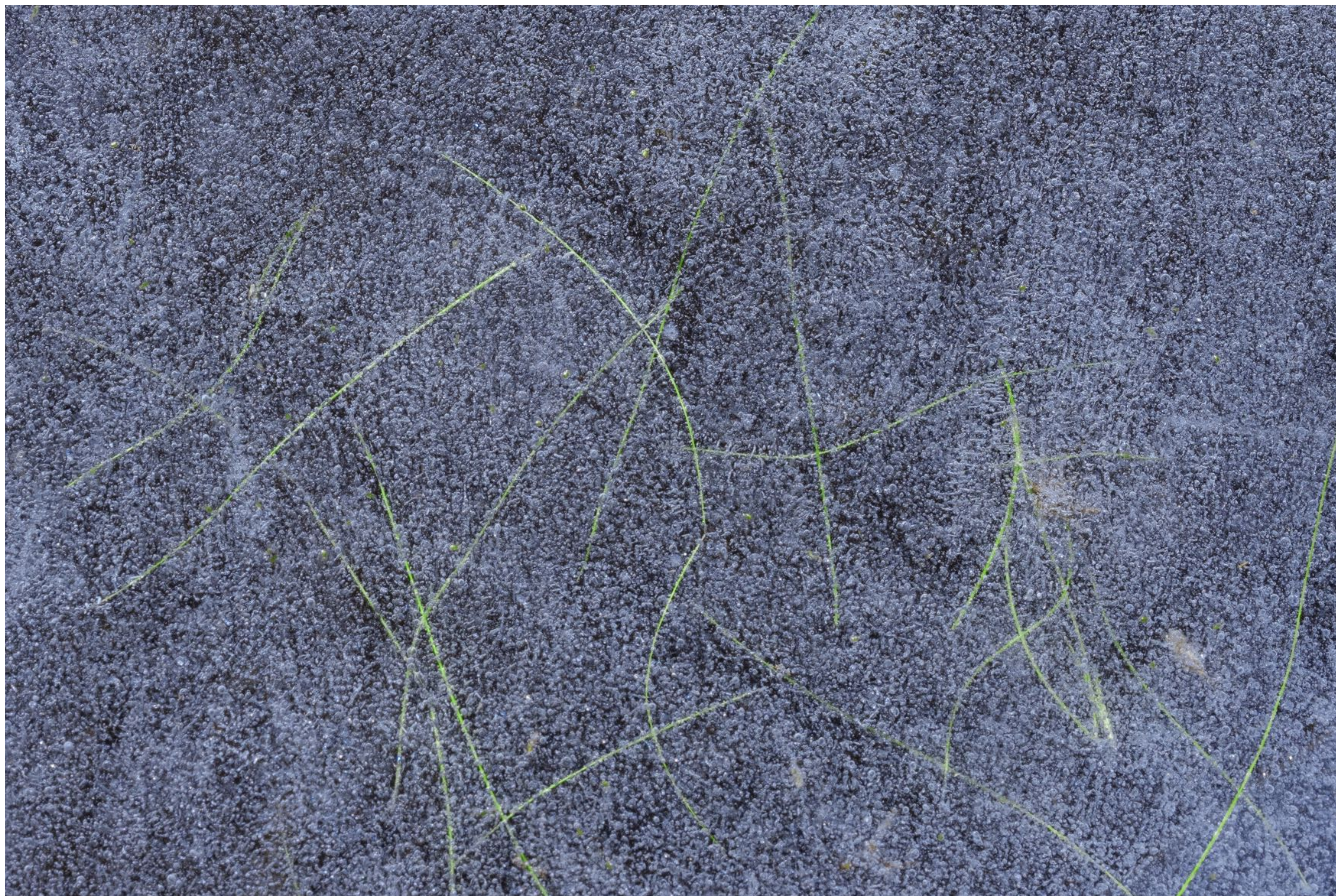
1/4s a f/16, ISO 160, 80mm (120mm full-frame)  
29.01.2022 16:28

Pag. anterior:  
1/100s a f/8, ISO 200, 65mm (full-frame)  
21.02.2015 18:39





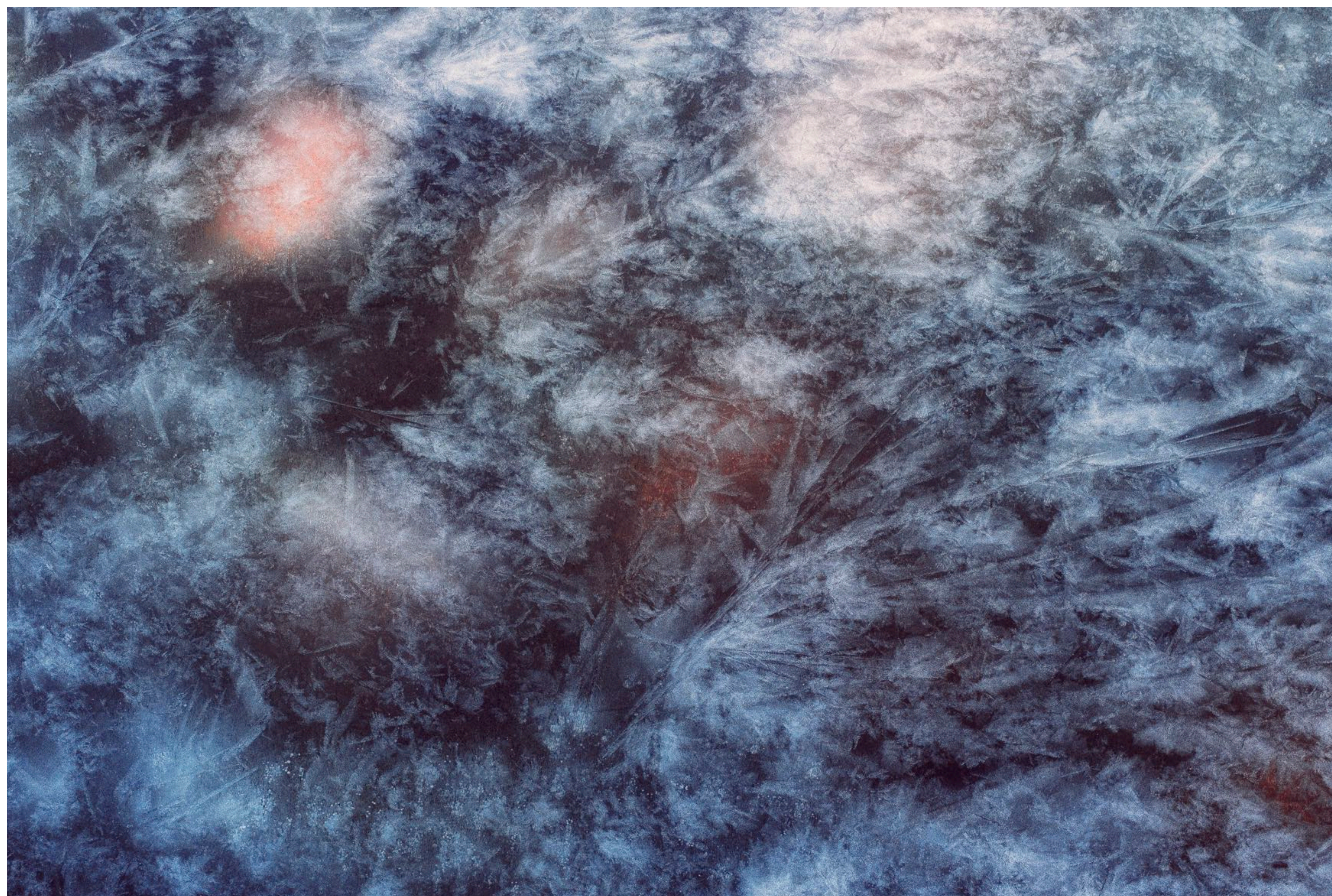




Pag. 20:  
1/6 a f/16, ISO 160, 80mm (120mm full-frame)  
29.01.2022 16:09

Pag. anterior:  
0,4s a f/16, ISO 160, 80mm (120mm full-frame)  
29.01.2022 17:21

1/125s a f/20, ISO 800, 80mm (120mm full-frame)  
30.01.2022 11:12



Picasso lembrava-nos que “todos querem entender arte. Por que não tentar entender o canto de um pássaro?”. Nem todas as fotografias precisam de uma explicação e, em especial, assim acontece com as fotografias mais abstractas, baseadas apenas em cor, textura, padrões, mais ou menos definidos e perceptíveis. O que me move a fazer fotografia mais abstracta é mostrar-vos com pensa o meu cérebro, o que é que me desperta a atenção quando estou no terreno. A vós, ofereço-vos a liberdade da interpretação, de poderem ver o mundo nestas imagens ou de não verem nada.

De verem ritmo, de sentirem frio, de cheirarem o perfume ou de se sentirem indiferentes. Tudo vale para vós, assim como tudo vale para mim. O mais importante quando fazemos arte é isso mesmo, querer apenas fazer arte.

1/125s a f/16, ISO 800, 80mm (120mm full-frame)  
30.01.2022 11:32

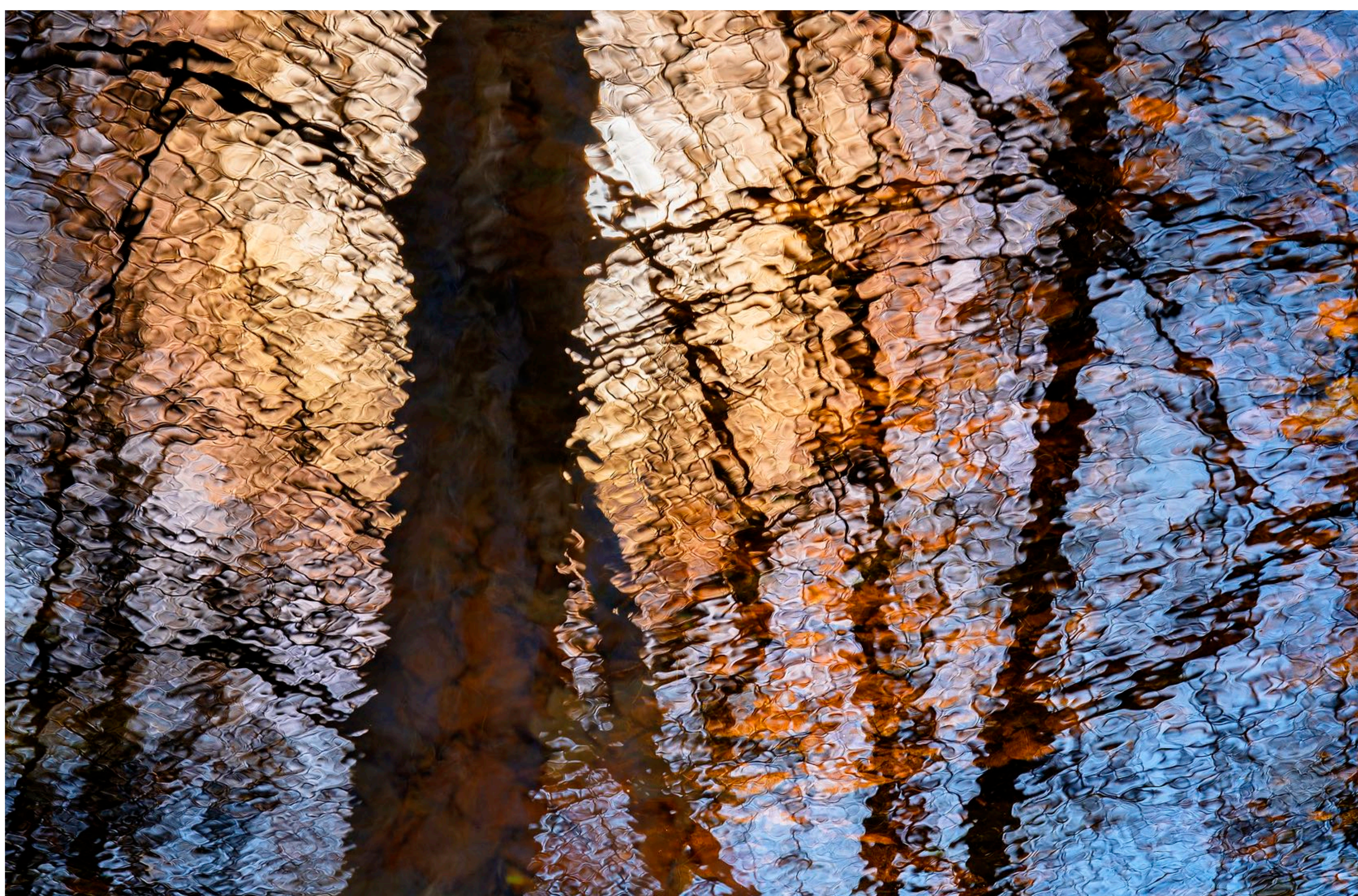
Pag. seguinte:  
1/500s a f/11, ISO 400, 80mm (120mm full-frame)  
30.01.2022 11:50





# Ocaso na Floresta.

## Gerês, 2020



Ainda não há muito tempo, debaixo do meu monitor, para o fazer elevar à altura do meu olhar, moravam os dois volumes que fazem a obra *Impressionismo*, editada pela editora Taschen em 1995. Eu sei, não é maneira de se tratar um par de livros de referência, mas a caixa dura que os envolvia, para além de os proteger, era ideal para o propósito. Neste momento voltaram ao seu lugar natural, ao sossego da minha estante.

Desde os meus 20 anos, altura em que comecei a comprar avidamente livros de arte, que o impressionismo tem um espaço privilegiado nas minhas preferências. Mal eu sabia o quanto isso se iria repercutir na minha fotografia.

Uma das principais características da pintura impressionista é a ausência de contrastes baseados no claro/escuro do período barroco, preferindo usar cores complementares para mostrar esse contraste. Isto faz com que as cenas nos pareçam mais naturais, uma vez que os nossos olhos não estão habituados a ver sombras negras, mas sim sempre o detalhe que existe dentro delas.

Para além disso, o facto de os pintores impressionistas terem trazido os seus cavaletes para fora de casa, é também algo que sempre me encantou. O seu objetivo, de retratar a paisagem e a natureza, através da luz e da forma como essa luz se transforma ao longo do dia, é exatamente aquilo que eu pretendo fazer

com a minha fotografia.

Monet dizia que “uma paisagem não existe por si só, pois a sua aparência muda a qualquer momento”. Bem verdade e nós, fotógrafos de natureza, percebemos isso como ninguém. A forma com a luz abraça a paisagem é diferente a cada hora, fazendo que as nossas fotografias, mesmo que nunca mexêssemos o tripé de sítio, sejam também elas diferentes e com temperamentos muito próprios.

A cor muda, o detalhe muda, a percepção dos elementos muda também. O passar do tempo, muitas vezes imperceptível nas nossas fotografias (e nas restantes artes-visuais) é responsável por alterar a nossa percepção da paisagem e, em especial, a sua representação.

A fotografia que decidi partilhar convosco, nesta edição, foi realizada numa manhã de novembro, na zona da Portela de Leonte, em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês. Ali se encontra um bosque de bétulas (ou vidoeiros como a gente do norte gosta de lhes chamar), adornado por um ribeiro que serpenteia pelo meio das árvores, proporcionando um entorno lindíssimo para quem gosta de estar e observar a natureza.

Numa zona mais larga e parada desse ribeiro, a forma como a luz refletida se espalhava no visor da minha câmara era especial demais para não ser captada.

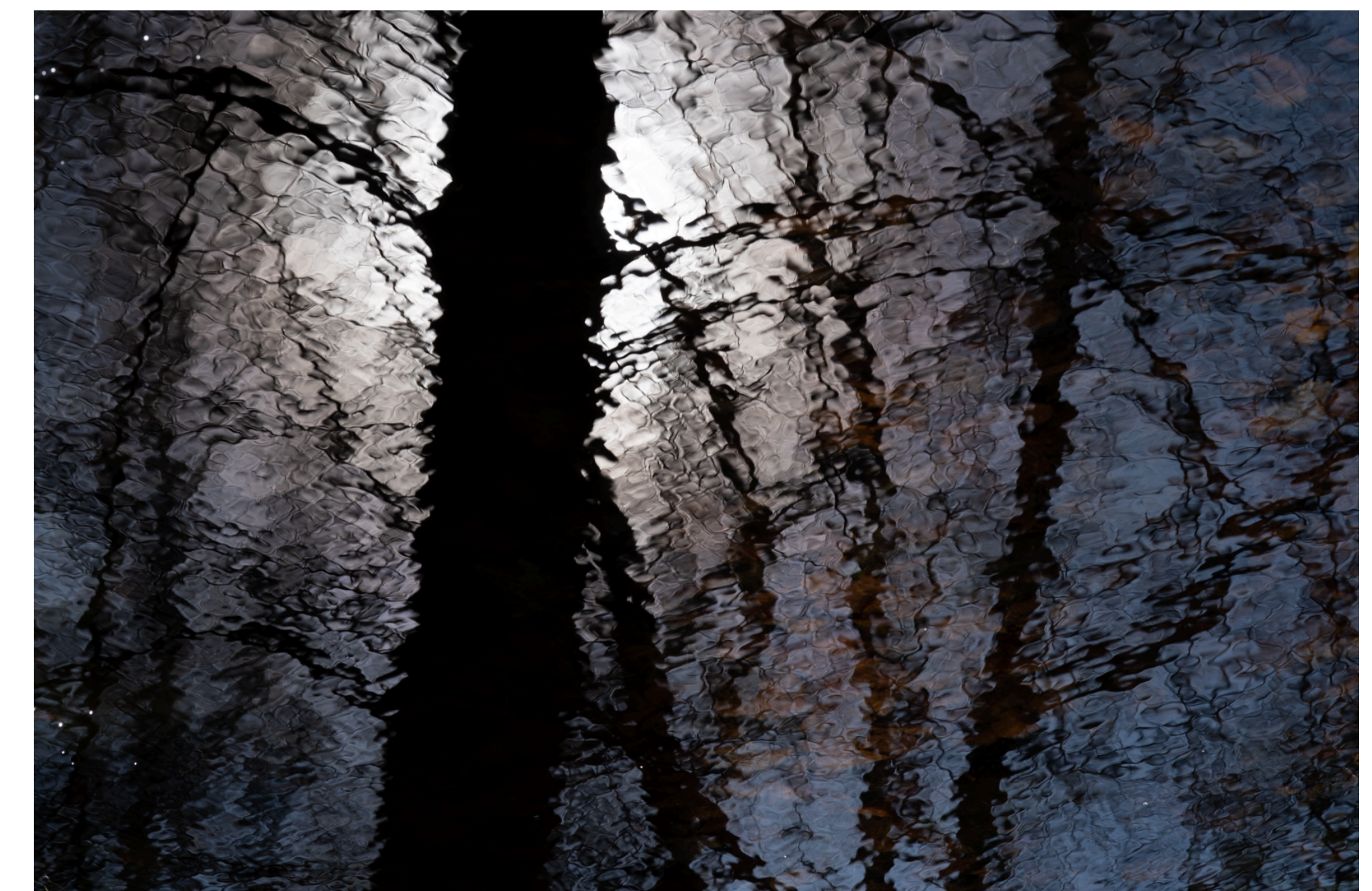
O mais interessante deste processo é o facto de nem de todos os ângulos a luz se refletir da mesma forma, obrigando-nos a ver essa mesma luz, mas depois a movermo-nos à volta do que queremos fotografar para o podermos fazer da forma que melhor imaginamos. Nesta ocasião, lembro-me de me baixar, de subir para um ponto mais elevado, de me mexer à volta desta pequena represa até ver aquele sol a emergir no meio da floresta. Na realidade, era o sol baixo da manhã que se pavoneava naquela poça, mas na minha câmara, escurecida pela contraste de luz demasiado grande, mais parecia uma lua.

Estando num ponto elevado, o suficiente para ver o sol refletido, à medida que o ele ia subindo no céu, obrigava-me a ir baixando a minha posição, até ao extremo de ter de colocar o tripé junto ao chão para poder captar esta imagem. Equipado com a minha XF50-140mm, usando uma distância focal de 140mm (210mm no equivalente *full-frame*), tentei captar o reflexo de forma a honrar outra das características da pintura impressionista que sempre ecoou em mim: contornos pouco nítidos.

Para isso, usei um tempo de exposição de 1/100, o que até pode parecer demasiado rápido, mas que se revelou o indicado naquele momento em que o vento se fazia sentir e a água não estava parada. Na realidade, a água do ribeiro estava em constante movimento e nestes casos só a utilização de um tempo de

exposição mais rápido nos permite este efeito de pinceladas impressionistas. Mas o tempo de exposição só por si não chega, é preciso também uma abertura suficientemente fechada para não esbater em demasia os contornos. Embora se queiram soltos e pouco nítidos, é preciso que se sintam. Para isso escolhi uma abertura de f/11.

Captada que estava a imagem era agora preciso transformar essa captação na minha fotografia, ou seja, naquilo que eu idealizei quando olhei para a cena no terreno.



Fujifilm X-H1, XF50-140, 1/100s a f/11, ISO 200  
Imagem apresentada sem qualquer ajuste.

Tal como um pintor impressionista, a primeira coisa a fazer é livrar-me destas sombras tão densas. A câmara não tem latitude suficiente para me mostrar a realidade como eu a vi, precisando escurecer toda a zona à volta do sol (ou lua) para garantir detalhe na zona mais

luminosa da imagem. Felizmente, o sensor da minha câmara tem latitude suficiente para gravar a realidade para além do que consegue mostrar numa pré-visualização mais imediata e, através do software de processamento de imagem que utilizo (Adobe Lightroom) consegui equilibrar a exposição e abrir as sombras tal com um pintor as consegue pintar com o seu pincel. É bom podermos contar com o nosso equipamento, tal como é excelente podermos colocar na tela aquilo que imaginamos.

Em termos de composição, o que mais me agarra nesta imagem é a grande bola quente do sol que contrasta, em termos de cor, com o azul violeta do resto da cena. Aqueles troncos verticais mostram-me que estou numa floresta e quebram o padrão colorido de toda a imagem. Se fossem completamente negros, esse contraste seria demasiado. Como está, o contraste funde-se na cor e é a cor que mais se insinua nesta imagem.

Embora tenha feito esta imagem muito depois do nascer do sol (por volta das 11h), quando olho para o resultado final sempre penso num ocaso, num sol a deitar-se por detrás da floresta. Monet inventou o impressionismo com uma *Impressão, nascer do sol* (em 1872), eu presto-lhe homenagem e a todos os que lhe seguiram as pinceladas com este *Ocaso na Floresta* (de 2020).



**Claude Monet**

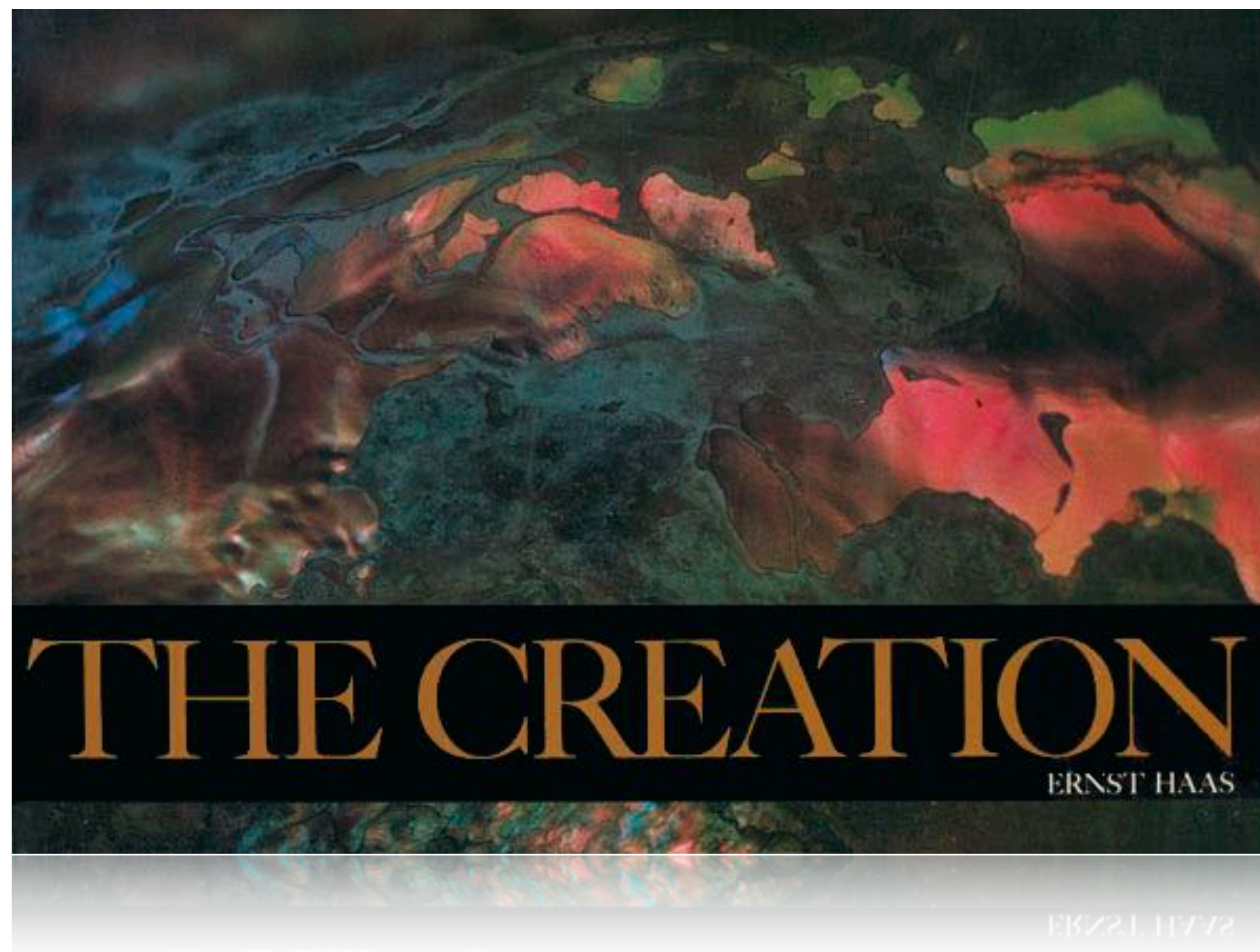
*Impression, soleil levant*

c. 1872, óleo sobre tela, 48x63cm



# Ernst Haas. A Criação.

Primeira edição: Nova Iorque, 18 de outubro de 1971  
Studio Book / Viking Press (23.5 x 34.5 cm, capa dura)



Ernst Haas, um dos pioneiros da fotografia a cores e nome de referência na história da fotografia, nasceu em Viena, nos idos de março de 1921. A sua origem Judaica impediu-o de perseguir uma carreira na medicina, voltando-se para fotografia como forma de exprimir a sua intensa veia artística. Uma das suas reportagens iniciais para a revista *Heute*, sobre prisioneiros de guerra que regressavam a casa, captou a atenção de duas entidades que concorreram pela sua visão empática e impregnada de uma sensibilidade genuína e humana. No final, Robert Capa e os seus pares da *Magnum* levaram a melhor sobre o editor da *Life*, a revista de fotografia mais importante da época. “Há dois tipos de fotógrafos: os que tiram fotografias para revistas para ganhar algum e os outros que ganham em tirar as fotografias que lhes interessam”. Nas palavras de Haas, escritas na carta de resposta ao editor Wilson Hicks, ele fazia parte do segundo grupo.

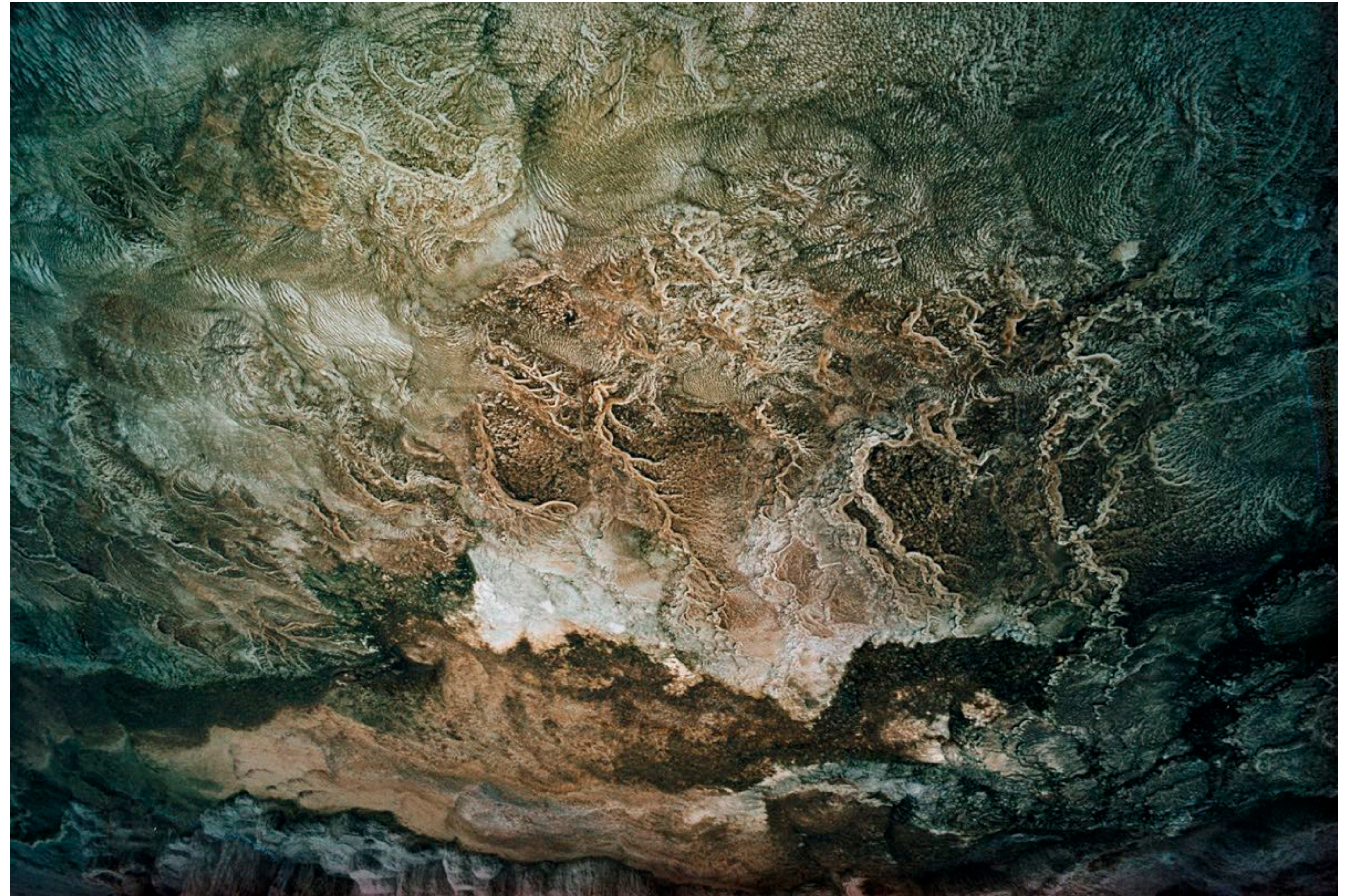
Com um forte desejo de esquecer as amarguras da guerra, deixa a Europa para se fixar em Nova Iorque, em 1951. Inspirado pelo pulsar da cidade, decide que é tempo de abandonar o cinzento dos dias para abraçar a vida a cores. É dos primeiros a experimentar a magia do filme Kodachrome, tal como é dos primeiros a ser publicado na revista *Life* num ensaio fotográfico a cores de 24 páginas. Um ensaio que iria marcar um ponto de viragem na história da fotografia, ajudando a estabelecer a fotografia a

cores como forma artística e a popularizar o abstracionismo como um estilo fotográfico. Em 1962, uma retrospectiva do seu trabalho toma corpo como a primeira exposição de fotografia a cores a ter lugar no MoMA de Nova Iorque.

Proveniente de uma família onde a arte e a cultura faziam parte do dia-a-dia (a mãe escrevia poesia, o pai era fotógrafo e melómano), bebia inspiração para a sua fotografia em tudo o que rodeava, fosse na música, literatura, pintura ou nas próprias pessoas. Quem o conhecia, gabava-lhe a simpatia e a genuinidade. As pessoas sentiam-se bem à sua volta... "Um homem bem-educado, sem ponta de cinismo, apaixonado pelo trabalho à sua volta", reflecte Jay Maisel, um dos fotógrafos americanos mais respeitados das últimas décadas.

Em 1964, John Huston contrata-o para realizar a sequência da Criação do seu clássico "A Bíblia". Inspirado neste tema, Haas, que já fotografava temas naturais há cerca de sete anos, decidiu estender esse trabalho por mais seis até estar preparado para entregar as impressões que iriam figurar nas páginas de um dos livros de fotografia mais vendidos de sempre: *A Criação*.

Folhear este livro, o seu primeiro, em especial na sua edição original de 1971, é uma experiência profundamente espiritual. Se há origem para o termo "poesia visual", bem pode



ter sido cunhado na descoberta das 159 páginas que constituem esta obra-prima da fotografia.

Haas disse um dia que "o artista deve expressar a soma do seu sentimento, conhecimento e crer através da unidade da sua vida e obra. Não se pode fotografar a arte. Só se pode vivê-la na unidade da sua visão, bem como na amplitude da sua humanidade, vitalidade e compreensão".

Isto resume de forma perfeita a amálgama de emoções, de vivências, de memórias que se experimentam ao pousar os olhos e a alma em cada uma das fotografias deste livro. Na intimidade da criação de Haas viajamos pelos sonhos mais profundos da nossa própria existência e olhamos para o mundo com um sentido de admiração, de beleza e de amor. Como se cada uma daquelas imagens soltasse um perfume diferente e nos transportasse para

um lugar que só nós conhecemos; o lugar onde tudo começou.

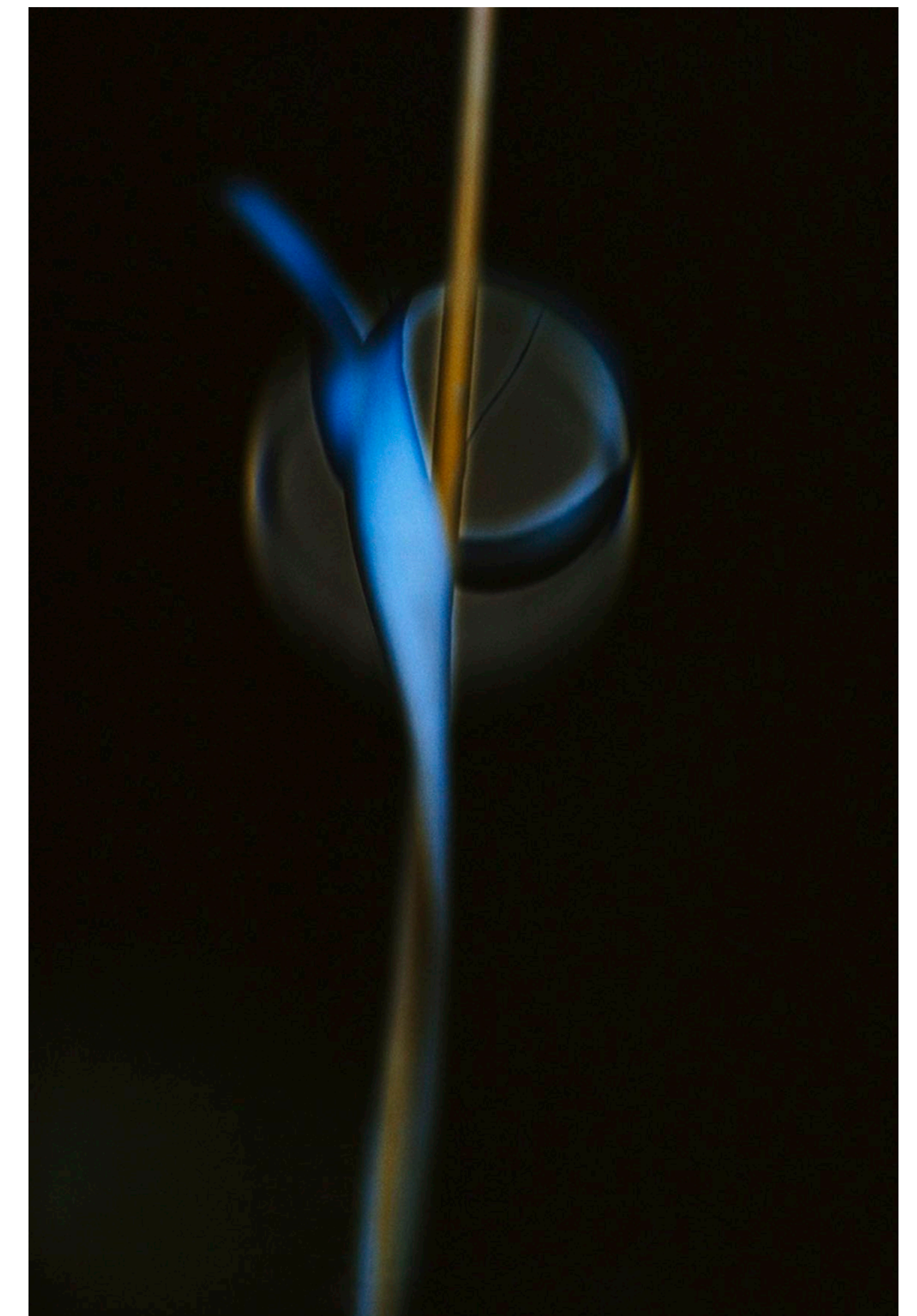
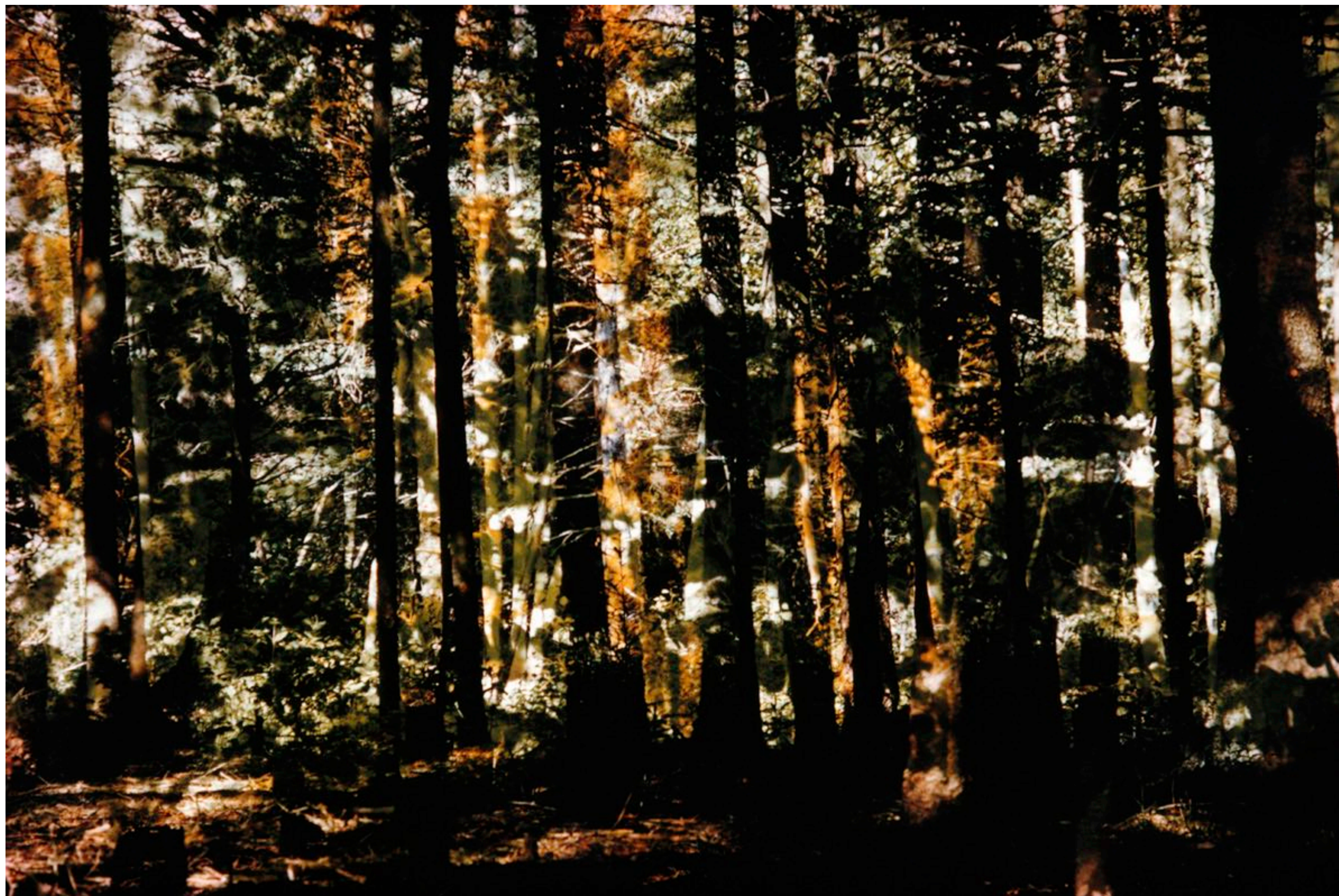
O livro está dividido em três secções, seguindo o Livro do Génesis: os Elementos, as Estações e as Criaturas. As 106 fotografias presentes mostram a visão de Haas sobre este planeta em que vivemos, por vezes espectacular e grandioso, mas na maior parte das vezes íntimo e abstracto. Das florestas aos animais, das

montanhas à pequenos gotas de água, a sua técnica de exposição longa, a paixão pela luz e pelas sombras, aliadas a uma percepção da cor verdadeiramente singular, cria uma interpretação verdadeiramente única, sem paralelo na história da fotografia e, em especial, na fotografia de natureza. Tida como uma obra de referência para fotógrafos de eleição como Frans Lanting, este livro vendeu já

mais de 350.000 cópias em todo o mundo.

Não há muito que eu possa dizer que tenha mais impacto do que ter o livro na mão. Neste momento, só está disponível no mercado de usados, mas não deixem que isso vos impeça de o procurar. No seu formato original com 34,5 cm de largura. E nem precisam de me agradecer depois. Obrigatório!

Ver mais imagens do livro [aqui](#).





# Bloco de Notas.

## EXPOSIÇÃO CASA, NO BARREIRO

A minha exposição “Casa: Abraçando a Nossa Natureza” está a terminar a sua permanência no Auditório Municipal Augusto Cabrita, no Barreiro. Para os interessados, têm até dia 13 de fevereiro para a visitar na galeria Branca do Piso 1. A entrada é gratuita e o horário de funcionamento é de 3ª a domingo, das 14h00 às 20h00.

Após o Barreiro, a exposição irá viajar até Mira de Aire, em data ainda a designar.

## WORKSHOP ARTE DA COMPOSIÇÃO

A terceira edição do meu workshop de composição vai acontecer nos próximos dias 26 e 27 de fevereiro. Este workshop tornou-se rapidamente num dos meus favoritos, tendo as duas primeiras edições sido muito bem acolhidas por quem nele participou. A edição deste ano tem a novidade de permitir uma sequência no terreno que terá lugar a 12 e 13 de março.

Fala-se muito da importância da composição, de como é fundamental questionar aquilo que se vê, de fotografar com consciência visual, mas a verdade é que, por vezes, investimos pouco em perceber o porquê de certas fotografias funcionarem e outras não.

Mais do que apresentar regras e fórmulas mágicas que possamos repetir vezes sem conta, este workshop dá-nos as ferramentas necessárias para podermos entender como se constrói uma imagem e porque vemos as coisas da maneira que vemos. Essencial, na minha opinião!

Mais informação e inscrição em [primeiraluz.pt](http://primeiraluz.pt).

## NOVO LIVRO

Neste momento estou a trabalhar no meu próximo livro. Será uma obra completamente diferente da anterior, com um tema mais definido e com uma narrativa mais direcionada a esse tema. Alguns de vós já sabem do que se trata, mas os restantes vão ter de esperar mais um pouco. Os textos estão prontos, estando neste momento em revisão técnica e depois terão de ser revistos em termos do português. O Frederico Fernandes irá ser de novo o responsável pela paginação e está já a fazer os primeiros esboços para depois poder ser levado aos eventuais patrocinadores. Ainda há um longo caminho para percorrer, mas espero lançá-lo este ano e tudo farei para que isso aconteça. Este meu anúncio é também um passo claro nessa direcção, pois não gosto de faltar ao prometido. O título? Só vos posso dizer que tem “Aire e Candeeiros” no início.

# PERSPECTIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.